

PRODUÇÃO CULTURAL: UM OLHAR SOBRE SEGURANÇA ALIMENTAR NUTRICIONAL E PRODUÇÃO ARTESANAL VOLTADAS PARA POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES DESSES AGENTES CULTURAIS.

Pedro Antônio Bento da Rocha¹

Orientador: Orlando José de Almeida Filho²

INTRODUÇÃO

Esse projeto tem como objetivo central compreender as representações dos atores sociais em seu campo de atuação, suas práticas culturais e demandas de políticas públicas, utilizando os conceitos do historiador Roger Chartier. A metodologia estabelecida foi um estudo bibliográfico seguido por entrevistas não estruturadas baseadas em relatos orais. A primeira parte retrata a produção artesanal, a segunda parte descreve as entrevistas com os agricultores e por fim as entrevistas com os produtores de artesanato locais.

A proposta do projeto é captar as práticas culturais em dois campos: sendo eles, os produtores artesanais, entende-se aqui, como aquele que produz tapeçaria, enfeites, decorações e dentro desse grupo do artesanato foi inserido também os artistas; o outro campo é o da agricultura familiar.

A pesquisa faz parte de um programa maior, refiro ao Programa de Extensão Diálogos dos Saberes e Práticas para a Promoção da Soberania e da Segurança Alimentar e Nutricional como estratégia de desenvolvimento no território das vertentes em Minas Gerais. O Programa Diálogo dos Saberes tem como objetivo geral de propor que o acúmulo de capital social empreenda nos objetivos da Segurança Alimentar Nutricional no território das vertentes da CRsans/Consea-MG visando estratégias de Desenvolvimento por meio de associar o movimentos sociais e os atores locais ou regionais que estejam em diferentes posições institucionais ou diferentes formações profissionais que tenham a possibilidade de impulsionar o diálogo com variadas instâncias político- institucionais propondo e realizando ações de combate a insegurança alimentar. O projeto então visa contribuir com a criação de condições institucionais para a interação social de forma dialógica, reflexiva e propositiva

1 Estudante do curso de Filosofia.

2 Departamento de Ciências Sociais.

entre os participantes para ações políticas e políticas públicas que promovem a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional - SSAN, tendo em mente o enfoque da SAN desenvolvido no Brasil. (MALUF, 2007; MORAES; SPERANDIO; PRIORI, 2020).

A pesquisa tem o escopo de investigar as representações culturais e de produtores culturais o que resultará, além do resultado da pesquisa, trará curtas metragens que possibilite o desenvolvimento do pensamento de Políticas Públicas que colabore com essas produções que são de grande importância para a região que envolve tanto um número significativo de trabalhadores e a economia local.

Por meio das ações das pessoas é expresso a cultura de suas realidades, e produz significados e representações. Tendo isso em mente, é possível que se recolha uma contribuição subjetiva das histórias dos moradores da região.

O espaço onde eles vivem é atacado pela mudança, a história do homem é localizada no tempo com todas suas estratégias de vida do seu dia a dia o que se pode apresentar como a construção do campo simbólico. A ideia é que um lugar onde as representações e suas práticas procuram interesses e respostas totalmente diferentes. O que pode resultar na questão de Certeau resgatada por Chartier que são *as lutas de representação*, em um lugar que tem estratégias diversas sendo traçadas, pois é um campo de disputas.

Pensar a vida desses produtores culturais no decorrer do tempo faz pensar sobre suas representações, estratégias e práticas que é natural ao cotidiano desses moradores o que também demarca sua origem e posição social, mas também pode se encontrar os seus elementos étnicos; gênero, religião e sua condição econômica.

Pretendemos investigar quais as representações desses produtores trazem no campo do **capital simbólico e cultural** do ponto de vista da cultura da produção de uma agricultura voltada para a saúde e que considere o valor da **Segurança Alimentar e Nutricional** voltada para o **desenvolvimento territorial**.

A proposta de Desenvolvimento Territorial no Programa de Diálogos de Saberes desemboca em outros espaços de produção cultural, o que nos abre a oportunidade de relacionar-se com a produção artesanal que também se inclui em uma forma de economia solidária e de sustentabilidade.

O objetivo é investigar as representações de artesãos e de agricultores familiares do território das vertentes em Minas Gerais, mais especificamente na microrregião de São João del Rei.

O espaço desses moradores locais muda com o tempo, as estratégias de vida buscam representações e práticas a interesses diversos dentro de um grupo, a representação no caso é

um reguladora de estratégias e de práticas. É nesse âmbito que se localiza nossa pesquisa com a questão retomada de Certeau por Chartier as “Lutas de representação” em um espaço em que as estratégias são traçadas, pois é um campo de disputa.

Essa produção de representações têm um foco na nossa investigação, é uma produção que considera a Segurança Alimentar e Nutricional inclinada para o desenvolvimento territorial. Dentro do Programa Diálogos dos Saberes o conceito de Desenvolvimento Territorial relaciona-se com outros campos de produção cultural, entre eles um de nossos objetivos: a produção de artesanato, que é um outro meio de pensar a economia solidária e de sustentabilidade.

No entanto, nossa investigação é dupla: a produção agrícola, com o escopo na agricultura familiar, que pensa a Segurança Alimentar Nutricional e por outro lado a produção de artesanato: tapeçarias, cerâmica e madeira. Dessa forma, nossa ideia é refletir e desenvolver a partir desses agentes, políticas públicas a partir do olhar desses produtores culturais na perspectiva do desenvolvimento territorial.

A política e a economia são campos culturalmente marcados por conflitos e seus interesses diversos que envolvem as práticas e as representações. A pesquisa possibilitará identificar não só os conflitos do meio, mas suas ligações no contexto do desenvolvimento regional.

A iniciação move em três sentidos: trabalhando com entrevistas desses produtores locais usando o método da História oral, buscando arquivos locais (Prefeitura de São João del Rei; Secretaria de cultura, secretaria da agricultura, IPHAN) e partindo dessa investigação uma produção de curtas que materialize o resultados dos dados objetivos que poderão ser ferramentas de divulgação desses agentes culturais para a comunidade e a partir disso discutir e sugerir ao poder público a construção de políticas públicas inclusivas desses produtores sociais para que empreenda com qualidade de vida a partir de seu trabalho.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste projeto foram principalmente a pesquisa bibliográfica dando destaque aos conceitos básicos do historiador Roger Chartier, e entrevistas com o uso da história oral, considerada como uma forma de pensar a sociedade contemporânea, que foram gravadas eletronicamente e transcritas ao longo deste projeto.

Não se deve confundir história oral como Fonte Oral, sendo esta qualquer registro de manifestação de oralidade humana. A entrevista, no caso do projeto, é uma história oral no sentido da escrita.

História oral requer alguns procedimentos específicos, ela necessita de um projeto que justifique essa fórmula programada. Obrigatoriamente ela tem que passar por alguns pontos como é ressaltado por José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda:

- 1- É um ato premeditado, realizado segundo a orientação expressa em um projeto;
- 2- É um procedimento que acontece no *tempo real da apreensão* e que para tanto necessita de *personagens vivos* colocados em situação de diálogo;
- 3- Ao assumir-se como manifestação contemporânea, a história oral mantém *vínculo inevitável com o imediato* e isso obriga reconhecer o enlace da *memória* com *modos de narrar*;
- 4- A história oral ao valer- se da memória estabelece vínculos com a identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins;
- 5- O espaço e o tempo da história oral, portanto, são o “*aqui*” e o “*agora*”. e o produto é um documento;
- 6- Como manifestação contemporânea, a história oral se vale dos *aparatos da modernidade* para se constituir, então, além de pessoas vivas reunidas para contar algo que lhe é comum, a *eletrônica* se torna meio essencial para sua realização.
(MEIHY, José Carlos Sebe Bom, MEIHY, Fabíola Holanda, 2022)

História oral é o somatório de todos os pontos planejados e o pensamento de atitudes em conjunto. A definição desse método não se resume em apenas uma entrevista ou outra fonte oral.

Assim, a questão central que nos interessa é saber quais representações atravessam a complexidade do campo, sentido proposto por Bourdieu, em que estes atores sociais atuam e vivenciam suas experiências nos processos de suas lutas.

Foram feitas 10 entrevistas no total; 5 agricultores e 5 artesãos e por meio delas a produção de um curta metragem desenvolvido ao longo do trabalho que mostre os dados obtidos e que serão ferramentas de divulgação da realidade desses produtores culturais para a comunidade local e a partir disso discutir e propor ao poder público possibilidades de construirmos uma rede de solidariedade voltada para pensar e construir políticas inclusivas desses agentes sociais que promovam qualidade de vida a partir de seu trabalho e produção.

A produção dos curtas chegará às escolas com objetivo de despertar nas crianças e adolescentes a consciência e o interesse para se pensar na importância da qualidade da vida nos espaços em que vivemos.

O trabalho está dividido em três partes: na primeira parte 1 se tratará de como é definido o conceito de artesanato e os tipos de produção feitos pelo estado de Minas Gerais. Na parte 2 serão apresentadas as representações dos agricultores por meio das entrevistas e finalmente a parte 3 fecha com as entrevistas dos artesãos.

PARTE I – A PRODUÇÃO ARTESANAL

O conceito artesanal é abrangente e tem diferentes critérios e características para se estabelecer a sua definição. Como conceito básico podemos dizer que é uma produção ligada ao modo de vida do local, e às matérias-primas que são disponibilizadas em volta do espaço vivido e, não necessariamente, é passado pelos mais velhos para as novas gerações.

Neste trabalho estamos considerando os princípios estabelecidos pela Prof. Doutora Simone de Faria Narciso Shiki em seu trabalho Construção do conceito do produto Agroalimentar Artesanal. Os Parâmetros para essa definição serão:

1.1 Qualidade

Através de um vínculo de confiança entre o consumidor e o produtor, por intermédio de uma tradição do trabalho aplicado ou pelo fato da proximidade da venda direta, torna-se uma uma maneira de um método para o desenvolvimento de uma qualidade e uma valorização do meio e de seus produtos.

1.2 Saber-fazer

Como bem menciona a Professora Simone Shiki ao escritor Santos, não é um processo de produção pura e simplesmente de domínio técnico, sua extensão está no processo histórico, econômico, social, cultural e ambiental.

1.3 Produção

O capricho e o cuidado pelo objeto trabalhado é fundamental para a produção, o uso baixo de aditivos: todo o desenvolvimento é executado “no tempo da natureza”, sem a pressão de uma produção. E como mencionado mais acima do texto a tradicionalidade é contingente, no sentido que não se é necessário, ela pode ter vindo de uma forma diferente. (SHIKI,2018)

Além disso, conceitualmente, quando falamos de artesanal, é um mundo de possibilidades, podemos ir desde a produção do queijo, a cachaça ou até mesmo a cerâmica ou ainda a tecelagem. Em nosso trabalho, vamos restringir o conceito para o Artesanato, nos segmentos produtivos da tecelagem, madeira, cerâmica e bordados.

Sabendo que o estado de Minas é dividido em doze mesorregiões, tendo uma vasta produção de diversos segmentos de artesanatos que foram citados acima, o nosso escopo de

pesquisa se debruça sobre o Campo das Vertentes, mais precisamente na microrregião de São João Del Rei.

Assim apresentamos os segmentos produtivos das regiões e microrregiões mais expressivas na atividade do artesanato:

DISTRIBUIÇÃO DOS SEGMENTOS DIAGNOSTICADOS POR REGIÃO E MICRORREGIÕES

Regiões e Micro Região mais expressivas no Artesanato	Segmento Produtivo
Campo das Vertentes 1- Barbacena 2- Lavras 3- São João Del Rei Zona da Mata 1- Cataguases 2- Juiz de Fora 3- Manhuaçu 4- Muriaé 5- Ponte Nova 6- Ubá 7- Viçosa	Cerâmica, metal, madeira e tecelagem Palha de milho, pedra sabão e cerâmica
Sul de Minas 1- Alfenas 2- Andrelândia 3- Itajubá 4- Passos 5- Poços de Caldas 6- Pouso Alegre 7- Santa Rita do Sapucaí 8- São Lourenço	Bambu, palha de milho e tecelagem

9- São Sebastião do Paraíso 10- Varginha	
Norte de Minas 1- Bocaiúva 2- Grão Mogol 3- Janaúba 4- Januária 5- Montes Claros 6- Pirapora 7- Salinas	Argila, cascalho pedras semipreciosas, cerâmica e tecelagem
Vale do Jequitinhonha: 1- Almenara 2- Araçuaí 3- Capelinha 4- Diamantina 5- Pedra Azul	Cerâmica e tecelagem
R.M.B.H – Apa Sul e Velhas 1- Sabará 2- Brumadinho 3- Nova Lima	Resíduo de mineração, bambu e outros

Fontes de Informação: CIMINELLI, Renato (Coord.). Diagnóstico Estruturante dos Gargalos e Entraves de Base Tecnológica da Produção Artesanal em Minas Gerais. 2007

PARTE 2 - OS AGRICULTORES E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Pensando as representações sociais, procurou-se fazer entrevistas com os agricultores para perceber suas estratégias de vida que colaboram na construção do campo simbólico. De acordo com dados que tivemos acesso, por motivos de alterações do documento que

comprova a condição de agricultor familiar da reforma agrária de DAP para CAF perdeu-se os dados de quantos agricultores vivem na mesorregião de São João del Rei e até o dia que foi feito contato com a Emater havia apenas 37 agricultores com o novo registro. Existe como vínculo junto a prefeitura apenas uma feira de agricultura familiar que acontece todo sábado e outra que acontece uma vez ao mês com apoio da Universidade Federal de São João del Rei, com os agricultores da AFFAS.

ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTURA FAMILIAR E AGROECOLÓGICA (AFFAS)

A AFFAS é uma instituição privada criada em São João del Rei, em 2016, com universo de 11 agricultores ativos que anteriormente vendiam seus produtos perto do coreto do centro da cidade e posteriormente teve a oportunidade de ocupar um espaço na Universidade Federal de São João del Rei. Atualmente eles se reúnem no Sítio Felizardo onde vendem seus produtos agroecológicos através do seu próprio site que foi criado no período da pandemia COVID 19.

Ao serem questionados sobre a formação da instituição, foi possível perceber algumas lutas de representação; de um lado a representação política de um secretário que quer mudar o grupo de um ponto estratégico, autorizado pelo IPHAN para um outro não autorizado; por outro lado temos um grupo organizado e legalmente instituído e que mesmo assim é retirado por motivo desconhecido.

No entanto, em relação às Políticas públicas que possam colaborar com suas produções observou-se uma grande dificuldade de acesso desses agricultores às políticas públicas, os interesses de um prefeito que vai de acordo com interesses eleitoreiros. Mas percebe-se também que os agricultores continuam seus trabalhos.

Ao abordarem a respeito dos agricultores inativos da associação foi dito que “Suas vendas caíram e não se teve persistência, se a gente olha só pelo lado financeiro, não é só por esse lado, afinal somos uma Associação. Nós temos que ir nos adaptando; “ Isso aqui não está dando certo, deixa fazer outra coisa”. Não tinha aquela coisa de plantar mais ou inventar algo para fazer, até sabia fazer, mas não fazia.”

Percebe diferentes representações dentro do próprio grupo. Enquanto uns desejam seguir com ideias novas e formas diferentes de se manter mesmo que isso atrapalhe o seu econômico, por outro lado temos uma produção de sentido contrário por mais que suas práticas sejam dificultadas para a entrega de seus produtos, não se tem interesse em fazer o diferente.

Com suas práticas, a mudança para o site facilitou para o não desperdício do mesmo jeito que com a colaboração da prefeitura com o carro de entregas fez com que eles pudessem fazer outros investimentos. Apesar do ganho com o site eles perdem as trocas de representações com os outros agricultores que tinham na feira.

Em relação a dificuldades foi nos dito; “Às vezes, acontece de pedir um produto e o agricultor não ter, ou ele esquecer de mandar, não vir, ou acontecer algum problema, por exemplo; a chuva de granizo que aconteceu, estragou algumas coisas.

Além disso, foi apresentado nessa pergunta uma luta de representações onde o presidente da Associação do Felizardo que pegou os cadastros dos agricultores sem eles saberem. Como se percebeu em outras entrevistas, é comum algumas entidades do poder público se aproveitarem do desconhecimento burocrático das pessoas do campo.

CONCEIÇÃO TUTUCA

Tutuca tem um interesse com a questão política, pela a história da minha mãe, pois ela e as suas tias eram operárias de fábrica. Uma das coisas que mais incomodava era o fato de não ter comida. Ela acreditava que tinha que estar em um espaço de contestar as coisas porque ficava incomodada com aquela situação, isso a trouxe para uma organização de estudantes. Por ter se encontrado com um professor de geografia no qual recomendava leituras para ela, era uma coisa que tirava- a do contexto da fome. E isso me trouxe à luta política.

Repara-se a diversidade de representações que constrói nossa entrevistada, desde o contato com sua família, formada por mulheres e trabalhadoras de chão de fábrica até a associação de bairro, movimentos de igrejas, organização de estudantes e o povo da zona rural. E o motor de sua prática e a de produção de sentidos se dá com a falta de comida que faz com que procure alternativas para a solução do problema.

Destacou-se também o fato do desconhecimento de algumas informações do homem do campo como o fato do pessoal da zona rural estar morrendo intoxicados.

Em seu processo de formação da AFFAS surgiu, mais um momento onde a representação de um grupo religioso, no caso, a Igreja Católica, para financiar o projeto. E como o grupo de mulheres ajudam umas às outras para conseguir vender seus produtos. Dentro desse grupo destaca a agricultora Claudemir que não seguiu com a AFFAS, mas abriu um restaurante com sua família e trabalha com os familiares, pensando em uma agricultura sem agrotóxicos.

Bem enfática, destaca Tutuca sobre os problemas, como também as produções de sentidos desses agentes são distintas, dificultando um diálogo entre eles.

“Problema não falta, brota igual vasilha na pia. Eu aprendi muito envolvida nessas questões da Agricultura principalmente. Eu fico querendo que as pessoas entendam o processo e eles não querem, isso é um desafio.”

Ao ser questionada por Políticas públicas ela disse:

“Quando você tem uma secretaria de agricultura que chama em reunião periódicas o conselho de desenvolvimento de agricultura rural para esclarecer os perigos para as comunidades, onde as pessoas entregam o documento e não entende o projeto no todo e isso acontece frequentemente, terceirizando os problemas ou não querem participar.”

Volta aqui a prática da falta de interesse das políticas públicas o que dificulta o acesso desses agentes aos seus benefícios.

Também destaca a luta de representações, onde se complica a discussão a respeito de uma segurança alimentar nutricional, fazendo com que a alimentação seja afetada prejudicialmente.

FABIANA

Fabiana, desde que seu avô, que também era agricultor, começou a adoecer, ela com seus 16 anos o ajudava em sua plantação. Com o tempo passando continuou a dedicar a plantação juntamente com os estudos. Sua horta se localiza em Coronel Xavier Chaves, Bairro Barreiro.

Foi notado em entrevista as práticas e as produções de sentidos é perceptível que estão voltadas para um plantio onde visa a segurança alimentar e também o mínimo de produção de lixo.

Ao ser questionada sobre a existência de políticas públicas que incluam a agricultura familiar no desenvolvimento econômico local e ou regional Fabiana nos responde:

“Tem a parte da merenda escolar, um apoio da secretaria de agricultura, da Emater, eles dão uma assistência técnica, mas aqui na minhas terras não tenho essa proximidade, tem coisas boas, mas acho que às vezes é falta de investimento e deveriam ser mais próximos. A única ajuda que está tendo agora, no caso da associação (AFFAS), é a ajuda com as barracas no sábado, estão auxiliando nas entregas de quarta-feira onde a prefeitura libera um motorista. Eu penso muito que existem políticas públicas, mas o trabalho que os produtores fazem são aqueles que saem deles mesmo, sabe? Como foi o site da AFFAS e agora nós estamos planejando um intercâmbio, formações internas e aos poucos os problemas vão

aparecendo e nós mesmos vamos buscando soluções e informações. Gerando uma autonomia e não depender do estado ou de qualquer coisa. Acho muito bom isso, o agricultor saber para onde ele quer ir.”

Mais uma vez, como se destaca na pergunta, a luta de representações entre os agentes públicos e os agricultores, fazendo com que suas produções de sentidos visam uma independência do estado.

Fabiana salientou mais uma dificuldade para o bem estar do agricultor, em relação às Políticas Públicas: “Tem a questão do saneamento básico que falta na zona urbana, imagine então na rural. O que seria uma responsabilidade pública dizem que na rural não é. Não existe um projeto, nada, sobre saneamento básico. Se eu quero tratar o esgoto da minha casa eu tenho que construir, e nós fazemos porque a gente quer avançar, mas boa parte não tem esse olhar.”

SILVANA

Silvana, é de família de agricultura não orgânica e hoje em dia, participa do grupo AFFAS, onde aprendeu a não usar agrotóxicos em sua horta. Sua plantação fica perto do Sítio Felizardo onde fica a AFFAS em São João del Rei.

É interessante notar como seu campo simbólico foi alterado, Silvana tinha uma produção de sentido relacionada com o plantio com uso de agrotóxicos e como foi mudando suas práticas, de acordo com que foi tendo contato com as práticas de outros agricultores envolvidos com Segurança alimentar.

Foi visto em sua plantação que Silvana vem sofrendo com sua produção, são as lagartas. Uma lagartinha escuras, umas verdinhas Claras e o besouro vaquinha.

Ao ser questionada sobre as alterações em sua produção foi apontado uma considerável dificuldade:

“Nós trabalhávamos muito. O que ganhei com trabalhar muito foi as várias dores de coluna, no joelho ombro e cotovelo, já tive que operar as mãos de tanto fazer trabalho repetitivo. E hoje eu não aguento mais, agora só se eu sentar lá no banco e me levarem os inhames para eu poder limpar, Mas o médico já me alertou que o dinheiro que eu fizer com agricultura não vai pagar os remédios que eu vou precisar.”

Questionada sobre política públicas Silvana respondeu enfaticamente:

“O que facilitaria seria uma estrada, quando esta estrada começou a ficar ruim, achavam resto de concreto e jogavam. E é o Felizardo e o Recondengo que produz verdura

para São João del Rei, já veio o deputado dizer que tinha um milhão para asfaltar, mas chega na hora não pode porque é tempo de política.”

Mais uma luta de representação quando se envolve com a questão pública, com dificuldades que seus antepassados tinham relacionada a chegada do agricultor a cidade, hoje, Silvana tem o mesmo problema.

NATÁLIA

Com pensamento na economia solidária, Natália tinha o foco em montar uma horta coletiva, o grupo Casa Verde, propôs montar uma horta e como não havia um espaço na comunidade, cedeu o terraço de sua casa e lá trabalha da sua própria maneira, e já está a 6 anos .

Natália, quando entrevistada estava em uma feira do Senhor dos Montes, era a terceira feira que acontece de 3 em 3 meses. Esta é uma feira de artesanato em que ela e seu grupo foram convidados para participar.

Esta feira apresentou uma dificuldade em relação a divulgação, por mais que tenham começado a feira depois do término da missa, a população apenas focou nos produtos da Natália e depois foram embora, deixando a feira vazia.

Ao ser questionada sobre sua produção, vimos algumas representações de resistência em Natália e seu grupo, mesmo sem a teoria, eles vão tentando o plantio, o que seria interessante a proposição de alguns técnicos para o auxílio destes grupos, como foi também perceptível em outros entrevistados.

E em relação às dificuldades, foi relatado por Natália:

“A maior dificuldade são as pragas. Nós não usamos veneno, ficamos tentando produzir soluções caseiras para combater e é um pouquinho difícil.”

Como Silvana, Natália também passa por dificuldades com as pragas, reforça aqui a ideia de técnicos para auxiliarem com práticas a esses grupos.

A produção de Natália no bairro do Senhor dos Montes, tem atingido uma grande parte da população alterando o Campo simbólico desses grupos para uma valorização de uma produção sem agrotóxicos.

Em relação a políticas públicas, Natália reforçou a falta de pessoas para o auxílio, e também apresenta uma certa dificuldade com acesso ao poder público.

VICENTE

Vicente participa da (AFFAS) e vive com sua família no município Rio das Mortes, ele produz também a horta, mas sua principal produção é o de laticínios; leite, iogurte e o que mais vende; seu queijo padrão.

Foi constatado que a maioria dos entrevistados seus antepassados são agricultores, passando essa representação de pai para filho. Outra coisa intrigante, é que o grupo incentiva uns aos outros a maior diversidade no plantio.

Ao ser abordado pela questão de suas dificuldades Vicente, foi incisivo:

“Nossa dificuldade é a distância. Moramos muito longe do centro da cidade onde nós fazemos a distribuição do nosso produto, na quarta-feira quando eu saio daqui para levar os produtos e ajudar na montagem é de ir por conta lá, quando eu volto, já não consigo fazer mais nada aqui. Para conseguir o selo também é outra dificuldade, o órgão público não dá apoio para nós. Já chamei aqui a SIGEDAS para poder olhar a casinha onde eu quero fazer os queijos, eles disseram que é os técnicos que tem que olhar e o técnico diz que não é o cargo dele. Este selo é para poder comercializar os meus produtos sem problemas, posso colocar no mercado.”

Mais uma dificuldade similar com relação ao transporte do agricultor a cidade, também apresenta aqui dificuldades em comunicação com o poder público.

Em relação à Política Pública, ao contrário de Natália, Vicente já possui uma assistência em sua produção, mas afirma que:

“Eles olham muito os grandes agricultores e os pequenos ficam a desejar. Forneço leite para os laticínios, o preço que ele paga é muito menor do que o vizinho que fornece mais. Eles poderiam pagar igual.”

Estabelece uma luta de representações onde um recebe mais pelo mesmo produto e um certo descaso público em prol do pequeno produtor.

PARTE - 3 ARTESÃOS E SUAS REPRESENTAÇÕES

A presença dos artesãos se faz em duas feiras vinculadas à prefeitura, uma localizada na estação de trem onde participam 15 artesãos e outra na Associação do artesanato ao lado da Igreja São Francisco de Assis com 18 artesãos, ambas as feiras tem o espaço cedido pela prefeitura. Existe também a Feira do Solar que não possui vínculo com a prefeitura, com 60 artesãos.

JOÃO BOSCO

João é um artista plástico de São João del Rei, que tem um atelier localizado na Praça Salatiel, sempre ativo e inovando seu trabalho.

No período da pandemia desenvolveu dois novos trabalhos, a cutelaria e as canetas de bambu.

Em relação às dificuldades enfrentadas no seu trabalho, João foi enfático:

“Dinheiro. Tem 23 anos que trabalho dando aulas. Nunca precisei de prefeitura, nem de projeto de ninguém, tudo com recurso próprio. Se tivesse recurso seria bom, mas não vejo isso. Existe a política pública para esse setor, mas não tenho acesso. Parece que é algo de carta marcada.”

Em relação às mudanças e permanências de sua produção foi notado uma luta de representação familiar onde seu pai militar com produções de sentido visando uma linha mais focada nas forças armadas, enquanto o filho busca a representação em prol da arte.

Mas apesar desta luta de representação entre pai e filho, foi mostrado que o mesmo pai de representação militar, também mostra uma prática artística colaborando com a produção de sentidos do nosso agente entrevistado.

ZULEI

Zulei é uma senhora de 86 anos que tem inúmeros produções artísticas, desde de bordados, cartões e também colagens. Tem um material vasto para suas produções e gosta sempre de estar ativa como por exemplo ir no campo para ver as cores das flores para bordar com cor certa.

Nota-se uma grande representação política em nossa entrevistada isto é carregado por seu campo simbólico desde pequena em suas práticas de bordado.

Zulei faz parte de vários grupos de bordadeiras e tentou mostrar a técnica do bordado livre, pois já é experiente, uma das costureiras tinha bordado e depois pintou, o que não combinaria para o trabalho. Zulei comentou sobre o trabalho e a senhora aceitou e a outra não aceitou dicas técnicas para o bordado, pois algumas não quiseram evoluir na costura mostrando uma luta de representação.

Ao ser questionada por Políticas Públicas, Zulei respondeu:

“Queria alguém que pudesse orientar o pessoal. Pois tem toda uma técnica e um cuidado porque pode ficar feio dependendo da falta de medida. Alguém no SEBRAE para convidar, algo assim, a própria SAP (Associação das Aposentadas).”

BORDADEIRAS

É um grupo de senhoras aposentadas, em São João del Rei, que possui mais de 18 anos de formação, elas se reúnem uma vez por semana, cada dia em uma casa diferente. Duas fazem ponto cruz, antes haviam mais 3 neste ramo, 1 manda sua produção para Zulei que tem uma irmã que tece o crochê em Brasília e a outra em BH. Já tiveram 9 bordadeiras presentes. Infelizmente, algumas que moravam na zona rural tinham mais dificuldade para chegar no encontro de costura.

Foi percebido a existência de alguns problemas de direitos autorais, pelo que foi observado pelas histórias como por exemplo; uma mulher que pediu uma encomenda de sabonetes para um aniversário e exigiu que tivesse com o nome dela pintado. Um caso de dizer que foi a mulher que tinha feito. Outro caso, é o da Zulei que fazia guardanapos que colocava sementes para pôr na mesa, uma mulher em Brasília pegou e começou a vender dizendo que era uma arte japonesa. Então agora elas assinam os nomes em seus trabalhos mudando totalmente suas práticas.

Como destacado em outras entrevistas, foi notado neste grupo uma representação, no qual esses agentes investem sua própria produção, enquanto há dificuldades de acesso ao poder público.

FEIRA DO SOLAR

A Feira do Solar é realizada por um grupo de 60 artesãos, em sua maioria mulheres, e fica localizada no bairro do Solar da Serra em São João del Rei, uma vez ao mês.

A Feira tem forte representação feminina de resistência, de economia solidária e convívio social e familiar. Não tem vínculo com a prefeitura.

Quando o grupo foi questionado sobre política pública, elas responderam:

“ Fornecer todo o suporte que seria os banheiros químicos, a limpeza da praça que nós que ficamos correndo atrás, é obrigação deles. Deixar a praça bem cuidada para que a população possa usar. Nós até estamos conservando a praça, pedindo para arrumar, manter ela limpa. O poder público nessa parte fica muito a desejar, eles deveriam valorizar isso é fonte de renda que nós já observamos em outras cidades. Temos que correr atrás de estrutura quando tem chuva, não tem lugar onde a gente se reunir, não tem transporte, nada. Outra coisa, a estrutura; as mesas, Hoje eu tive que pedir emprestado.”

As mulheres desta feira mostram uma grande resistência para permanecer neste espaço. Não medem esforços para com a luta de representações que está ligada ao poder público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações atreladas e as práticas exercidas pelos agricultores estão relacionadas e tem como seu fio condutor, questões políticas ligadas à saúde nutricional, à educação alimentar e nutricional, à economia, condições de produção, distribuição, consumo e acesso aos alimentos. Relaciona-se ao meio ambiente também, por se preocuparem com a forma como os alimentos são produzidos, minimizando o impacto nas condições de saúde e nas mudanças climáticas.

A partir das pesquisas realizadas, nota-se um número maior de artesãos comparado ao número de agricultores que têm como práticas e como sobrevivência sua produção artesanal focada em um mercado não centralizado. Seu trabalho surge de seus próprios esforços, sem auxílio de material que venha da ordem pública.

É possível notar a existência de um número superior de mulheres tanto no campo da agricultura como no do artesanato. Através das análises do estudo realizado, constatou-se, uma grande dificuldade entre esses agentes a terem acesso com políticas públicas efetivas, pois em sua maioria agem independente de auxílio do poder público e não buscam por tal condição, além de suas produções de sentidos terem como escopo uma maior independência desse setor, assim dificultando ainda mais essa conexão.

As teses levantadas são baseadas nas vivências desses agentes culturais, para conclusões mais aprofundadas e balanceadas, torna-se necessário entrevistas com o poder público para o acolhimento de suas representações, perspectivas e suas produções.

Além dos estudos realizados até aqui, a fim de aprofundar e complementar as representações e suas práticas de sentido, desenvolveu-se também um curta-metragem que instiga novos pensamentos sobre a agricultura familiar do Campo das Vertentes, intitulado: “Vicente”. A produção fílmica apresenta o dia a dia desse agricultor e sua produção de laticínios. Vicente trabalha desde a ordenha do rebanho, fermentação, produção de queijo, iogurtes e manteiga até sua distribuição na AFFAS para os consumidores finais.

A produção audiovisual tem como objetivo atingir um novo olhar que se aproxima do trabalho agrícola e de seus hábitos, incentivando a proposições de políticas públicas, e ou até

uma possível mobilização, participação e monitoramento das ações governamentais por parte do público alcançado.

A história oral é uma ferramenta potente de pesquisa da qual se desencadeiam os resultados apresentados e nos aproxima da vivência dos agentes culturais em questão, facilitando a ligação e o melhor entendimento de suas representações.

AGRADECIMENTOS

O autor e seu orientador agradecem à PROPE/UFSJ pela concessão da bolsa de Iniciação Científica durante o período Setembro/2022 a Setembro/2023. Esse agradecimento se estende a todos os entrevistados, pela concessão das entrevistas e ao Programa de Extensão “Diálogos de Saberes e práticas para a promoção da soberania e da segurança alimentar e nutricional como estratégia de desenvolvimento no Território das Vertentes em Minas Gerais”, pelo apoio em todas as etapas da construção deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BURLANDY, Luciene, MAGALHÃES, Rosana. Segurança alimentar nutricional: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

CIMINELLI, Renato (Coord.). **Diagnóstico Estruturante dos Gargalos e Entraves de Base Tecnológica da Produção Artesanal em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais, nov. 2007.

CHARTIER, Roger. A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil S. A. 1990.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e Sujeito em Foucault. São Paulo: Editora Intermeios, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro editora: Paz e Terra, 46 ed. 2005.

_____. Pedagogia da esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1992.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.

_____. Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

MALUF, Renato, REIS, Marcio Carneiro. Segurança alimentar e nutricional e a perspectiva sistêmica. In. ROCHA, Cecília, BURLANDY, Luciene, MAGALHÃES, Rosana. Segurança alimentar nutricional: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

_____. **Conceitos e princípios de Segurança Alimentar.** In. ROCHA, Cecília, MALUF, 2007; MORAES; SPERANDIO; PRIORI, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, MEIHY, Fabíola Holanda, 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe, HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

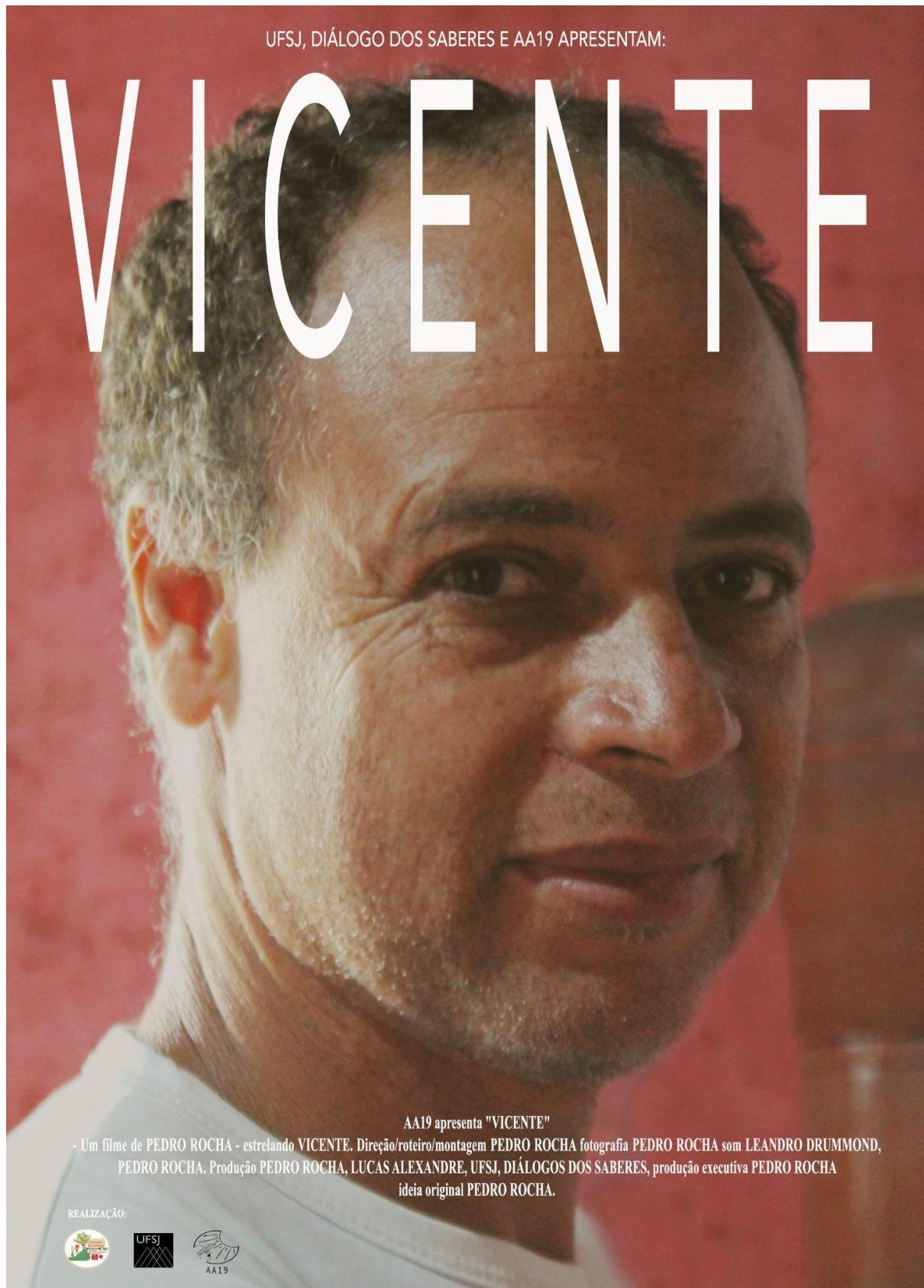
REIS, Márcio Carneiro, CARMO, Conceição Maria. **Programa Diálogo de Saberes: Relatório de Atividades: 2020-2022.**

SHIKI, Simone de F. N. **Construção do Conceito de Produto Agroalimentar Artesanal.**
São João del Rei: UFSJ, 2018. (Projeto Editorial Nº 003/2018
PROPE/PIBIC/CNPQ/FAPEMIG/UFSJ, ago. 2018/set 2019).

SHIKI, Shigeo, SHIKI, Simone de Faria Narciso, PEREIRA, Patrícia Alves Rosato.
Movimentos ecossociais como força política de sustentabilidade dos sistemas agroalimentares. 58º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural: 09 a 13 de agosto. Foz do Iguaçu, PR, 2020.

ANEXO I

Poster do filme produzido pela pesquisa:



AA19 apresenta "VICENTE"

- Um filme de PEDRO ROCHA - estrelando VICENTE. Direção/roteiro/montagem PEDRO ROCHA fotografia PEDRO ROCHA som LEANDRO DRUMMOND, PEDRO ROCHA. Produção PEDRO ROCHA, LUCAS ALEXANDRE, UFSJ, DIÁLOGOS DOS SABERES, produção executiva PEDRO ROCHA
ideia original PEDRO ROCHA.

REALIZAÇÃO:

